

NOSSA CASA COMUM

*Ensinamentos do Papa Francisco
Encíclica Laudato Si'*



Deputado Federal Nilto Tatto
PT-SP

Separata

Encíclica Papal Laudato Si'

Deputado Federal Nilto Tatto

PT-SP

Sumário

Apresentação.....	5
O que está acontecendo com a nossa casa	9
Poluição e mudanças climáticas	10
A questão da água.....	13
Perda de biodiversidade.....	14
Deterioração da qualidade de vida humana e degradação social.....	15
Desigualdade planetária	17
A fraqueza das reações.....	18
O evangelho da criação.....	20
A raiz humana da crise ecológica.....	23
Uma ecologia integral	28
Algumas linhas de orientação e ação.....	30
Educação e espiritualidade ecológicas	33
A força dos trabalhadores e movimentos sociais.....	35

“Esquecemo-nos de que nós mesmos somos a Terra”

“Já se ultrapassaram certos limites máximos de exploração do planeta,
sem termos resolvido o problema da pobreza.”

“Visto que todas as criaturas estão interligadas, deve ser reconhecido
com carinho e admiração o valor de cada uma, e todos nós, seres
criados, precisamos uns dos outros.”

“Caminhemos cantando; que as nossas lutas e a nossa preocupação por
este planeta
não nos tirem a alegria e a esperança.”

Papa Francisco

APRESENTAÇÃO

Um cântico de São Francisco de Assis, “Laudato si” – Louvado Seja – louva a Terra, irmã e mãe “que nos sustenta e governa e produz variados frutos com flores coloridas e verduras. São Francisco, inspiração do Papa, é o exemplo “do cuidado pelo que é frágil e por uma ecologia integral, vivia com alegria e autenticidade”. Exemplo da vida com simplicidade, da atenção amorosa para com os mais pobres e abandonados. Segundo o Papa Francisco, o Santo nos faz perceber que a

preocupação com a natureza, a justiça para com os pobres, a dedicação social e a paz interior são coisas inseparáveis.

Me identifico profundamente com esta Encíclica pois, para além de minha origem cristã, ela contém valores que sempre nortearam e motivaram minha trajetória de mais de trinta anos de atuação socioambiental.

Esta publicação tem por objetivo reverenciar e contribuir para a disseminação dos ensinamentos do Papa Francisco sobre os cuidados da nossa casa comum, a partir das palavras contidas na Encíclica Papal Laudato Si', um documento, segundo ele, "dirigido a todas as pessoas de boa vontade".

A obra, publicada em 2015, é uma belíssima reflexão filosófica e política. Aqui, fizemos um resgate que procura sintetizar as contribuições nela contidas. Toda a beleza e profundidade da Encíclica, entretanto, só podem ser apreciadas na leitura do texto original, que convidamos a todas e a todos desfrutar, e que pode ser encontrado em exemplares impressos e também em meio digital, disponível na internet¹.

Boa leitura.

Um abraço,

Nilto Tatto

¹ O texto que segue foi baseado na seguinte edição: Papa Francisco, 2015. Carta encíclica Laudato Si': sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulinas.

Vivemos em uma casa, que está em uma rua, uma comunidade, um bairro, uma cidade, uma região. Todos os lugares que conhecemos, onde a vida é possível, estão no planeta Terra. Esta é a nossa casa comum, que nos dá o ar que respiramos, a água que bebemos, os alimentos que precisamos para ter vida e saúde.

O que o Papa Francisco traz à reflexão em sua carta “Laudato Si” é um profundo questionamento sobre a maneira como nos relacionamos com o mundo. Nos convida a pensar sobre responsabilidade de cada um de cuidar de si, do outro, da comunidade e da nossa casa comum.

Nos convida a olhar para natureza com admiração e encanto, com os sentimentos da fraternidade e da beleza e, assim, nos sentirmos intimamente unidos a tudo o que existe. Nos propõe a consciência de que nada neste mundo nos é indiferente. Sem isso, nos alerta o Papa, tem espaço a atitude do dominador, do mero consumidor, do explorador sem limites.

Causamos mal à Terra e colocamos a vida em risco

“...por causa do uso irresponsável e do abuso dos bens que Deus nela colocou. Crescemos pensando éramos seus proprietários e dominadores, autorizados a saqueá-la. A violência que está no coração humano ferido pelo pecado, vislumbra-se nos sintomas de doença que notamos no solo, na água, no ar e nos seres vivos.”

O Papa Francisco nos chama para a união em torno desta preocupação comum, que afeta a todos e, principalmente, os mais pobres. Por isso, o Papa lança um desafio:

“O urgente desafio de proteger a nossa casa comum inclui a preocupação de unir toda a família humana na busca de um desenvolvimento sustentável e integral, pois sabemos que as coisas podem mudar”.

“Os jovens exigem de nós uma mudança; interrogam-se como se pode pretender construir um futuro melhor, sem pensar na crise do meio ambiente e nos sofrimentos dos excluídos.”

E faz um apelo:

“Lanço um convite urgente a renovar o diálogo sobre a maneira como estamos a construir o futuro do planeta. Precisamos de um debate que nos una a todos, porque o desafio ambiental, que vivemos, e as suas raízes humanas dizem respeito e têm impacto sobre todos nós”.

“As atitudes que dificultam os caminhos de solução, mesmo entre os crentes, vão da negação do problema à indiferença, à resignação acomodada ou à confiança cega nas soluções técnicas. Precisamos de nova solidariedade universal.”

O QUE ESTÁ ACONTECENDO COM A NOSSA CASA

O Papa Francisco, preocupado em dar concretude e conteúdo às reflexões sobre a situação da humanidade e do mundo, faz considerações a respeito do que está acontecendo no planeta, nossa casa comum.

“A contínua aceleração das mudanças na humanidade e no planeta junta-se, hoje, à intensificação dos ritmos de vida e trabalho”.

“Embora a mudança faça parte da dinâmica dos sistemas complexos, a velocidade que hoje lhe impõem as ações humanas contrasta com a lentidão natural da evolução biológica”.

Durante duzentos mil anos, a humanidade habitou o planeta encontrando no meio ambiente aquilo que precisa para viver e transformando estes mesmos ambientes em um ritmo que era compatível com os ritmos da natureza. A quantidade de madeira utilizada, a terra usada para agricultura, os caminhos abertos, a exploração de minérios para a feitura de instrumentos, tudo isso acontecia em escala e velocidade que permitia a regeneração natural dos recursos, e não os colocava em risco de esgotamento.

Nos últimos 60 anos, isso mudou de forma radical. O crescimento da população acelerou enormemente. A humanidade demorou dezenas de milhares de anos para atingir a marca de 1 bilhão de pessoas, por volta do ano 1800. Demorou mais um século para dobrar, e atingir 2 bilhões em todo o mundo.

De 1950 para cá, o ritmo aumentou, e hoje já somos mais de 7 bilhões. Neste mesmo período, o desenvolvimento da tecnologia permitiu que a transformação de matérias-primas em bens de consumo ocorresse de forma cada vez mais rápida.

Mas apesar do incrível progresso técnico, da capacidade de produzir mais, os bens materiais são mal distribuídos, enquanto poucos consomem muito, muitos não possuem o suficiente para manter-se: três a cada quatro pessoas que habitam o planeta, vivem na pobreza. Isso nos leva a um outro nível de reflexão, para o qual o Papa nos chama a atenção.

“A isto vem juntar-se o problema de que os objetivos desta mudança rápida e constante não estão necessariamente orientados para o bem comum e para um desenvolvimento humano sustentável e integral. A mudança é algo desejável, mas torna-se preocupante quando se transforma em deterioração do mundo e da qualidade de vida de grande parte da humanidade.”

Por isso, diz o Papa Francisco, a humanidade está carecendo de uma consciência superior, maior do que a confiança na evolução tecnológica.

“A tecnologia que, ligada à finança, pretende ser a única solução dos problemas, é incapaz de ver o mistério das múltiplas relações que existem entre as coisas e, por isso, às vezes resolve um problema criando outros.”

POLUIÇÃO E MUDANÇAS CLIMÁTICAS

Milhões de mortes prematuras ocorrem todos os anos por causa de diferentes tipos de poluição: queima de combustíveis para cozinhar, aquecer, transportar ou movimentar máquinas; descarga de substâncias tóxicas como fertilizantes, inseticidas, fungicidas, pesticidas e outras diversos produtos de química artificial.

Além disso, todos os anos, centenas de toneladas de lixo são lançados na terra, nas águas, e no ar. Muitos deles não retornarão ao ciclo natural porque não são biodegradáveis, podem ser tóxicos e fazer o ambiente adoecer ainda mais. O acúmulo de pequenas quantidades de algumas destas substâncias nos organismos vivos pode causar inúmeras doenças irreversíveis.

“Estes problemas estão intimamente ligados à cultura do descarte, que afeta tanto os seres humanos excluídos como as coisas que se convertem rapidamente em lixo”.

Na visão convencional, a produção e o consumo de coisas tem um modelo linear: no início da cadeia de produção entram as matérias-primas que, depois de passarem pela industrialização, distribuição e consumo, são descartadas, na outra ponta, sob a forma de resíduo.

“Custa-nos a reconhecer que o funcionamento dos ecossistemas naturais é exemplar: as plantas sintetizam substâncias nutritivas que alimentam os herbívoros; estes, por sua vez, alimentam os carnívoros que fornecem significativas quantidades de resíduos orgânicos, que dão origem a uma nova geração de vegetais.”

“Ainda não se conseguiu adaptar um modelo circular de produção que assegure recursos para todos e para as gerações futuras e que exige limitar, o mais possível, o uso dos recursos não-renováveis, moderando o seu consumo, maximizando a eficiência no seu aproveitamento, reutilizando e reciclando-os.”

Os sistemas produtivos circulares desenvolvidos pela humanidade ainda são pontuais, muito pequenos diante das montanhas de lixo que estamos deixando pelo planeta. As iniciativas para redução do consumo desnecessário ainda são muito tímidas, e o sistema econômico em que vivemos estimula as pessoas a consumirem cada vez mais, mesmo não

tendo necessidade. Esse comportamento pressiona e leva ao esgotamento dos recursos naturais.

Com isso, estamos afetando o clima, que é um sistema global complexo, e que tem a ver com muitas condições essenciais para a vida humana. Há um consenso entre os cientistas de que o aquecimento global é causado, principalmente, pelas atividades humanas.

A concentração dos chamados gases de efeito estufa em torno da Terra impedem o calor de se dissipar no espaço. Essa é a principal causa do aquecimento do planeta. Este fenômeno provoca uma série de outras reações que aumentam ainda mais a concentração destes gases na atmosfera e, desta maneira, elevam ainda mais o aquecimento formando um círculo vicioso, ou seja, o mesmo processo se sucede continuamente.

Tudo isso afeta diretamente a vida na terra. A disponibilidade e a qualidade da água e dos alimentos são afetadas. As áreas disponíveis para produção de alimentos e para moradia podem ser reduzidas, podendo obrigar o deslocamento de um quarto da população mundial

“Provavelmente os impactos mais sérios recairão, nas próximas décadas, sobre os países em vias de desenvolvimento. Muitos pobres vivem em lugares particularmente afetados por fenômenos relacionados com o aquecimento, e os seus meios de subsistência dependem fortemente das reservas naturais e dos chamados serviços do ecossistema como a agricultura, a pesca e os recursos florestais. Não possuem outras disponibilidades econômicas nem outros recursos que lhes permitam adaptar-se aos impactos climáticos ou enfrentar situações catastróficas, e gozam de reduzido acesso a serviços sociais e de proteção.”

As migrações motivadas pela degradação ambiental já acontecem e

“...a falta de reações diante destes dramas dos nossos irmãos e irmãs é um sinal da perda do sentido de responsabilidade pelos nossos semelhantes, sobre o qual se funda toda a sociedade civil.”

A QUESTÃO DA ÁGUA

Os recursos naturais estão se esgotando. A água limpa é indispensável para a vida, e foi disponível durante muito tempo. Agora, em muitos lugares, o volume de água utilizado é maior do que o volume que o ambiente natural é capaz de produzir e purificar.

“Um problema particularmente sério é o da qualidade da água disponível para os pobres, que diariamente ceifa muitas vidas. Entre os pobres, são frequentes as doenças relacionadas com a água, incluindo as causadas por micro organismos e substâncias químicas.

“Em muitos lugares, os lençóis freáticos estão ameaçados pela poluição produzida por algumas atividades extrativas, agrícolas e industriais, sobretudo em países desprovidos de regulamentação e controles suficientes”.

A situação fica mais grave quando sabemos que, cada vez mais, a água deixa de ser vista como um bem essencial e um direito universal, e passa a ser gerida como uma mercadoria, uma fonte de lucro.

“Enquanto a qualidade da água disponível piora constantemente, em alguns lugares cresce a tendência para se privatizar este recurso escasso, tornando-se uma mercadoria sujeita às leis do mercado”.

Isso é muito grave, porque significa que quem pode pagar tem acesso, e quem não pode, não tem.

Além disso, o desperdício de água continua acontecendo tanto em países ricos, quanto em países pobres, o que mostra que a falta de consciência em relação a este problema, que tende a crescer.

“Alguns estudos assinalaram o risco de sofrer uma aguda escassez de água dentro de poucas décadas, se não forem tomadas medidas urgentes. Os impactos ambientais poderiam afetar milhares de milhões de pessoas, sendo previsível que o controle da água por grandes empresas mundiais se transforme em uma das principais fontes de conflitos deste século.”

PERDA DE BIODIVERSIDADE

“Anualmente, desaparecem milhares de espécies vegetais e animais, que já não poderemos conhecer, que os nossos filhos não poderão ver, perdidas para sempre. A grande maioria delas extingue-se por razões que têm a ver com alguma atividade humana. Por nossa causa, milhares de espécies já não darão glória a Deus com a sua existência, nem poderão comunicar-nos a sua própria mensagem. Não temos direito de o fazer.”

A intervenção humana, através da tecnologia atingiu um nível tão alto, que muitas vezes, para curar ou minimizar uma perda, causa-se outros desastres, que exigem novas intervenções, e assim sucessivamente.

“Por exemplo, muitos pássaros e insetos, que desaparecem por causa dos agrotóxicos criados pela tecnologia, são úteis para a própria agricultura, e o seu desaparecimento deverá ser compensado por outra intervenção tecnológica que possivelmente trará novos efeitos nocivos.”

Os esforços de cientistas para criar soluções para problemas criados pelos seres humanos são louváveis, contudo,

“...contemplando o mundo, damos-nos conta de que este nível de intervenção humana, muitas vezes ao serviço da finança e do consumismo, faz com que esta terra onde vivemos se torne realmente menos rica e bela, cada vez mais limitada e cinzenta, enquanto ao mesmo tempo o desenvolvimento da tecnologia e das ofertas de consumo continua a avançar sem limites.”

O Papa Francisco alerta que estamos perdendo grandes tesouros porque exploramos as riquezas de forma imediatista, buscando apenas o ganho econômico rápido.

“A perda de florestas e bosques implica simultaneamente a perda de espécies que poderiam constituir, no futuro, recursos extremamente importantes não só para a alimentação mas também para a cura de doenças e vários serviços.”

“O custo dos danos provocados pela negligência egoísta é muitíssimo maior do que o benefício econômico que se possa obter. No caso da perda ou dano grave de algumas espécies, fala-se de valores que excedem todo e qualquer cálculo.”

Toda a humanidade, presente e futura, paga e pagará pelos altíssimos custos da degradação ambiental.

DETERIORAÇÃO DA QUALIDADE DE VIDA HUMANA E DEGRADAÇÃO SOCIAL

O Papa nos chama a perceber que os problemas ambientais são problemas das sociedades, de todos os seres humanos.

“Tendo em conta que o ser humano também é uma criatura deste mundo, que tem direito a viver e ser feliz e, além disso, possui uma dignidade especial, não podemos deixar de considerar os efeitos da degradação ambiental, do modelo atual de desenvolvimento e da cultura do descarte sobre a vida das pessoas.”

São muito os sinais de que o crescimento produtivo dos dois últimos séculos

“...não significou, em todos os seus aspectos, um verdadeiro progresso integral e uma melhoria da qualidade de vida. Alguns destes sinais são ao mesmo tempo sintomas de uma verdadeira degradação social, de uma silenciosa ruptura dos vínculos de integração e comunhão social.”

Exclusão e desintegração social, desigualdades, aumento da violência, novas formas de agressividade social, consumo crescente de drogas entre os jovens e perda de identidade são alguns destes sinais.

Muitas cidades crescem de forma descontrolada, se tornam pouco saudáveis para viver. Por causa da privatização de todos os espaços – rurais e urbanos – muitos cidadãos não perdem o acesso a “áreas de especial beleza”. A estas pessoas é negado o direito à contemplação de uma bela paisagem.

“Não é conveniente para os habitantes deste planeta viver cada vez mais submersos de cimento, asfalto, vidro e metais, privados do contato físico com a natureza.”

A este mundo cada vez mais difícil, vem se juntar as inovações do mundo digital e da comunicação de massa, sobre as quais o Papa tece um alerta muito profundo:

“quando se tornam omnipresentes, não favorecem o desenvolvimento de uma capacidade de viver com sabedoria, pensar em profundidade, amar com generosidade.

“Isto exige de nós um esforço para que esses meios se traduzam em um novo desenvolvimento cultural da humanidade, e não em uma deterioração da sua riqueza mais profunda. A verdadeira sabedoria, fruto da reflexão, do diálogo e do encontro generoso entre as pessoas, não se adquire com uma mera acumulação de dados, que, em uma espécie de poluição mental, acabam por saturar e confundir”.

“Tendem a substituir as relações reais com os outros, com todos os desafios que implicam, por um tipo de comunicação mediada pela internet. Isto permite selecionar ou eliminar a nosso arbítrio as relações e, deste modo, frequentemente gera-se um novo tipo de emoções artificiais, que têm a ver mais com dispositivos e monitores do que com as pessoas e a natureza”.

“Os meios atuais permitem-nos comunicar e partilhar conhecimentos e afetos. Mas, às vezes, também nos impedem de tomar contato direto com a angústia, a trepidação, a alegria do outro e com a complexidade da sua experiência pessoal. Por isso, não deveria surpreender-nos o facto de, a par da oferta sufocante destes produtos, ir crescendo uma profunda e melancólica insatisfação nas relações interpessoais ou um nocivo isolamento.”

Emoções fragmentadas, sentimentos rápidos e superficiais, o poder de conectar e desconectar, fazer pessoas aparecerem e desaparecerem movendo um dedo, a grande quantidade de informações picotadas... Tudo isso afasta os seres humanos daquela sensibilidade que o Papa Francisco diz ser necessária para o conhecimento e o cuidado de si, do outro e do mundo.

DESIGUALDADE PLANETÁRIA

Os efeitos mais graves do toda a degradação ambiental recaem sobre os mais pobres. O Papa Francisco afirma que “falta uma consciência clara dos problemas que afetam particularmente os excluídos. Estes são a maioria do planeta, milhares de milhões de pessoas.” Na hora das decisões econômicas e políticas, eles são tratados como se fossem efeitos colaterais e, raramente, são os últimos a se beneficiarem.

Segundo o Papa, isto é possível porque os formadores de opinião, os centros de poder, os meios de comunicação não têm contato direto com

a realidade dos excluídos e com seus problemas. Isso ajuda a fechar a consciência e ignorar esta realidade.

“Vivem e refletem a partir da comodidade de um desenvolvimento e de uma qualidade de vida que não está ao alcance da maioria da população mundial.”

Esta visão restrita do mundo já andou de braços dados com um discurso “verde”.

“Mas, hoje, não podemos deixar de reconhecer que uma verdadeira abordagem ecológica sempre se torna uma abordagem social, que deve integrar a justiça nos debates sobre o meio ambiente, para ouvir tanto o clamor da terra como o clamor dos pobres.”

A FRAQUEZA DAS REAÇÕES

“Nunca maltratamos e ferimos a nossa casa comum como nos últimos dois séculos”. A crise ambiental hoje tem proporções planetárias, e muitos de seus efeitos podem ser irreversíveis. O problema, segundo o Papa Francisco, é que não temos ainda a cultura necessária para criar as alianças e encontrar os caminhos que respondam às necessidades das gerações presentes e futuras.

“Preocupa a fraqueza da reação política internacional. A submissão da política à tecnologia e à finança demonstra-se na falência das cúpulas mundiais sobre o meio ambiente. Há demasiados interesses particulares e, com muita facilidade, o interesse econômico chega a prevalecer sobre o bem comum e manipular a informação para não ver afetados os seus projetos.”

“Os poderes econômicos continuam a justificar o sistema mundial atual, onde predomina uma especulação e uma busca de receitas financeiras que tendem a ignorar todo o contexto e os efeitos sobre a dignidade humana e sobre o meio ambiente.”

Assim se manifesta como estão intimamente ligadas a degradação ambiental e a degradação humana e ética”.

Ao tratar abertamente dos interesses econômicos, o Papa nos mostra como sua reflexão é profundamente política: trata-se, afinal, da defesa de interesses conflitantes. Em um extremo, grandes empresas capazes de influenciar governos nacionais; em outro extremo, os excluídos e os resíduos e, entre eles, muita informação fragmentada e discursos dominantes que não conhecem as periferias do mundo.

Segundo o Papa Francisco, a humanidade parece estar meio desacordada, insistindo em um comportamento irresponsável.

“Como frequentemente acontece em épocas de crises profundas, que exigem decisões corajosas, somos tentados a pensar que aquilo que está a acontecer não é verdade. Se nos detivermos na superfície, para além de alguns sinais visíveis de poluição e degradação, parece que as coisas não estejam assim tão graves e que o planeta poderia subsistir ainda por muito tempo nas condições atuais. Este comportamento evasivo serve-nos para mantermos os nossos estilos de vida, de produção e consumo. É a forma como o ser humano se organiza para alimentar todos os vícios autodestrutivos: tenta não os ver, luta para não os reconhecer, adia as decisões importantes, age como se nada tivesse acontecido”.

Mesmo que a esperança nos convide a reconhecer que sempre há uma saída e que sempre podemos mudar de rumo, o nível de deterioração da nossa casa comum é tal que nem tudo será reversível:

“parece notar-se sintomas de um ponto de ruptura, por causa da alta velocidade das mudanças e da degradação, que se manifestam tanto em catástrofes naturais regionais como em crises sociais ou mesmo financeiras, uma vez que os problemas do mundo não se podem analisar nem explicar de forma isolada.”

O Papa está nos chamando para uma mudança rápida e radical.

O EVANGELHO DA CRIAÇÃO

A mudança que o Papa Francisco está propondo passa por reconhecer o valor da cada criatura, e pela busca de um novo estilo de vida. Motivações importantes para cuidar da natureza e dos irmãos e irmãs mais frágeis são encontradas nas convicções da fé.

A harmonia vivida por São Francisco de Assis com todas as criaturas, a reconciliação universal, é aquilo que devemos buscar.

“Longe deste modelo, o pecado manifesta-se hoje, com toda a sua força de destruição, nas guerras, nas várias formas de violência e abuso, no abandono dos mais frágeis, nos ataques contra a natureza.”

Ao mesmo tempo que podemos e devemos fazer um uso responsável do que está na natureza,

“...somos chamados a reconhecer que os outros seres vivos têm um valor próprio diante de Deus.”

“Precisamente pela sua dignidade única e por ser dotado de inteligência, o ser humano é chamado a respeitar a criação com as suas leis internas, já que ‘o Senhor fundou a terra com Sabedoria’.”

A vida da humanidade na Terra, conforme a vontade de Deus, implica uma “relação de reciprocidade responsável entre o ser humano e a natureza”.

Segundo o Papa Francisco, a harmonia entre o Criador, a humanidade e toda a criação foi rompida por termos pretendido ocupar o lugar de Deus, recusando reconhecer-nos como criaturas limitadas, o que nos levou a agir como devastadores e dominadores, ao invés de cultivadores e cuidadores.

“O descuido no compromisso de cultivar e manter um correto relacionamento com o próximo, relativamente a quem sou devedor da minha solicitude e custódia, destrói o relacionamento interior comigo mesmo, com os outros, com Deus e com a terra. Quando todas estas relações são negligenciadas, quando a justiça deixa de habitar na terra, a Bíblia diz-nos que toda a vida está em perigo.”

Tudo está interligado: o cuidado da própria vida e das relações com a natureza, a fraternidade, a justiça e a fidelidade. O ser humano, com sua capacidade de inteligência e comunhão, tem responsabilidade sobre tudo isso.

“Um regresso à natureza não pode ser feito à custa da liberdade e da responsabilidade do ser humano, que é parte do mundo com o dever de cultivar as próprias capacidades para o proteger e desenvolver as suas potencialidades. Se reconhecermos o valor e a fragilidade da natureza e, ao mesmo tempo, as capacidades que o Criador nos deu, isto permite-nos acabar hoje com o mito moderno do progresso material ilimitado. Um mundo frágil, com um ser humano a quem Deus confia o cuidado do mesmo, interpela a nossa inteligência para reconhecer como deveremos orientar, cultivar e limitar o nosso poder.”

Se Deus criou o mundo para todos, uma abordagem ecológica é necessariamente uma abordagem social, que tenha em conta os direitos dos mais desfavorecidos. Por princípio, a propriedade privada está subordinada ao destino universal dos bens e o direito universal ao seu

uso é uma “regra de ouro” do comportamento social e a base toda a ordem ético-social.

“A tradição cristã nunca reconheceu como absoluto ou intocável o direito à propriedade privada, e salientou a função social de qualquer forma de propriedade privada.”

Relembrando as palavras de São João Paulo II, o Papa Francisco reafirma que

“Deus deu a terra a todo o gênero humano, para que ela sustente todos os seus membros, sem excluir nem privilegiar ninguém” e que “não seria verdadeiramente digno do homem, um tipo de desenvolvimento que não respeitasse e promovesse os direitos humanos, pessoais e sociais, econômicos e políticos, incluindo os direitos das nações e dos povos.” O direito à propriedade é legítimo, mas sobre “toda a propriedade particular pesa sempre uma hipoteca social, para que os bens sirvam ao destino geral que Deus lhes deu”.

Da mesma forma, o meio ambiente é um bem coletivo, patrimônio de toda a humanidade. Os proprietários de parte dos recursos naturais, portanto, têm o dever de administrá-lo em benefício de todos.

“Por isso, os bispos da Nova Zelândia perguntavam-se que significado possa ter o mandamento ‘não matarás’, quando ‘uns vinte por cento da população mundial consomem recursos em uma medida tal que roubam às nações pobres, e às gerações futuras, aquilo de que necessitam para sobreviver’.”

A RAIZ HUMANA DA CRISE ECOLÓGICA

“Somos herdeiros de dois séculos de ondas enormes de mudanças: a máquina a vapor, a ferrovia, o telégrafo, a eletricidade, o automóvel, o avião, as indústrias químicas, a medicina moderna, a informática e, mais recentemente, a revolução digital, a robótica, as biotecnologias e as nanotecnologias.”

As possibilidades abertas pelo engenho humano são enormes, é justo que nos alegremos. Inúmeras doenças podem hoje ser curadas, o trabalho pesado pode ser feito por máquinas, a comunicação não reconhece mais fronteiras. Tecnologias alternativas para a sustentabilidade estão sendo desenvolvidas.

O Papa Francisco chama a atenção para o tremendo poder que as tecnologias nos dão.

“Ou melhor: dão, àqueles que detêm o conhecimento e sobretudo o poder econômico para o desfrutar, um domínio impressionante sobre o conjunto do gênero humano e do mundo inteiro.

“Nunca a humanidade teve tanto poder sobre si mesma, e nada garante que o utilizará bem, sobretudo se se considera a maneira como o está a fazer.”

Não pode deixar de lado um certo temor: tanto poder nas mãos de uma pequena parte da humanidade, e nenhuma garantia de que seja bem utilizado, especialmente considerando a maneira como está sendo utilizado.

Em relação ao desenvolvimento de tecnologias, e ao modo como são utilizadas,

“...é preciso assegurar um debate científico e social que seja responsável e amplo, capaz de considerar toda a informação disponível e chamar as coisas pelo seu nome. Às vezes não se coloca sobre a mesa a informação completa, mas é selecionada de acordo com os próprios interesses, sejam eles políticos, econômicos ou ideológicos.”

A preocupação é que o “imenso crescimento tecnológico não foi acompanhado por um desenvolvimento do ser humano quanto à responsabilidade, aos valores, à consciência”. Por isso, é possível que hoje a humanidade não se dê conta da seriedade dos desafios à sua frente. Segundo o Papa Francisco, o ser humano

“...carece de uma ética sólida, uma cultura e uma espiritualidade que lhe ponham realmente um limite e o contêm dentro de um lúcido domínio de si.”

O desenvolvimento tecnológico rompeu praticamente qualquer limite à exploração da natureza pelo homem. Sem um domínio de si, esta exploração, acontecendo com voracidade, ignora a própria realidade que tem à sua frente e sedimenta a ideia de que os recursos naturais são infinitos.

Os lucros – demasiadamente concentrados – desta exploração, entrelaçados com os centros de poder político e com os discursos dominantes sobre o modo de vida adequado, engrenam um sistema do qual é preciso estar consciente.

“É preciso reconhecer que os produtos da técnica não são neutros, porque criam uma trama que acaba por condicionar os estilos de vida e orientam as possibilidades sociais na linha dos interesses de determinados grupos de poder. Certas opções, que

parecem puramente instrumentais, na realidade são opções sobre o tipo de vida social que se pretende desenvolver”.

Isto significa que os indivíduos, ao contrário do que pode parecer, não definem seu estilo de vida, ao consumir artigos conforme sua escolha supostamente livre. Um leque restrito de opções (oferecido para que as pessoas pensem que têm escolha) define a maneira como é a sua moradia, sua vestimenta, seus objetos, seus meios de comunicação, sua alimentação, a energia que você consome etc. O seu ritmo de trabalho, as suas formas de lazer, suas preferências musicais também são, em boa medida, independentes da sua vontade. “Reduzem-se assim a capacidade de decisão, a liberdade mais genuína e o espaço para a criatividade alternativa dos indivíduos.”

Mas este não é um sistema que anda por si só. Ele é comandado por um conjunto de pessoas que detém muito poder.

“A economia assume todo o desenvolvimento tecnológico em função do lucro, sem prestar atenção a eventuais consequências negativas para o ser humano. A finança sufoca a economia real.”

“Em alguns círculos, defende-se que a economia atual e a tecnologia resolverão todos os problemas ambientais, do mesmo modo que se afirma (...) que os problemas da fome e da miséria no mundo serão resolvidos simplesmente com o crescimento do mercado.”

Se isso fosse verdade, com toda a tecnologia que já existe, com todo o consumo que há no mundo, não haveria mais situação de miséria. É preciso compreender “as raízes mais profundas dos desequilíbrios atuais: estes têm a ver com a orientação, os fins, o sentido e o contexto social do crescimento tecnológico e econômico.”

O Papa Francisco nos chama, mais uma vez, para a necessidade de avançarmos, de forma urgente, para uma “corajosa revolução cultural.”

“A ciência e a tecnologia não são neutras, mas podem, desde o início até ao fim de um processo, envolver diferentes intenções e possibilidades que se podem configurar de várias maneiras”.

É possível “limitar a técnica, orientá-la e colocá-la ao serviço de outro tipo de progresso, mais saudável, mais humano, mais social, mais integral.”

“Ninguém quer o regresso à Idade da Pedra, mas é indispensável abrandar a marcha para olhar a realidade de outra forma, recolher os avanços positivos e sustentáveis e ao mesmo tempo recuperar os valores e os grandes objetivos arrasados por um desenfreamento megalômano.”

“Quando a técnica ignora os grandes princípios éticos, acaba por considerar legítima qualquer prática. (...) A técnica separada da ética dificilmente será capaz de autolimitar o seu poder.”

O ser humano se colocou de tal forma no centro, dando prioridade absoluta a seus interesses imediatos, que tudo o mais se tonar irrelevante. Nesta adoração de si mesmo estão conectadas as atitudes que provocam a degradação ambiental e a degradação social. É preciso mudar esta percepção.

O Papa aponta uma direção para esta mudança: é preciso transformar e valorizar o trabalho.

“Se procurarmos pensar quais possam ser as relações adequadas do ser humano com o mundo que o rodeia, surge a necessidade de uma concepção correta do trabalho, porque, falando da relação do ser humano com as coisas, impõe-se-nos a questão relativa ao sentido e finalidade da ação humana sobre a realidade.

“Não falamos apenas do trabalho manual ou do trabalho da terra, mas de qualquer atividade que implique alguma

transformação do existente, desde a elaboração de um balanço social até o projeto de um progresso tecnológico. Qualquer forma de trabalho pressupõe uma concepção sobre a relação que o ser humano pode ou deve estabelecer com o outro diverso de si mesmo.”

O trabalho é uma necessidade, faz parte do sentido da vida nesta terra, é caminho de maturação, desenvolvimento humano e realização pessoal.

“A orientação da economia favoreceu um tipo de progresso tecnológico cuja finalidade é reduzir os custos de produção com base na diminuição dos postos de trabalho, que são substituídos por máquinas. É mais um exemplo de como a ação do homem se pode voltar contra si mesmo. (...) Renunciar a investir nas pessoas para se obter maior receita imediata é um péssimo negócio para a sociedade.”

UMA ECOLOGIA INTEGRAL

“A ecologia estuda as relações entre os organismos vivos e o meio ambiente onde se desenvolvem. E isto exige sentar-se a pensar e discutir acerca das condições de vida e de sobrevivência de uma sociedade, com a honestidade de pôr em questão modelos de desenvolvimento, produção e consumo. Nunca é demais insistir que tudo está interligado.”

Trata-se, portanto, de refletir sobre as relações entre a natureza a sociedade que a habita. “Isto nos impede de considerar a natureza como algo separado de nós ou como uma mera moldura da nossa vida.”

Assim, não há uma crise ambiental separada da crise social. Há uma única e complexa crise socioambiental, e não é possível encontrar uma solução independente para cada parte do problema.

Esta crise não pode ser superada sem uma profunda valorização da noção de bem comum.

“Nas condições atuais da sociedade mundial, onde há tantas desigualdades e são cada vez mais numerosas as pessoas descartadas, privadas dos direitos humanos fundamentais, o princípio do bem comum torna-se imediatamente, como consequência lógica e inevitável, um apelo à solidariedade e uma opção preferencial pelos mais pobres.”

Além dos mais desfavorecidos no presente, a noção de bem comum engloba também as gerações futuras.

“Já não se pode falar de desenvolvimento sustentável sem uma solidariedade intergeracional. Quando pensamos na situação em que se deixa o planeta às gerações futuras, entramos em outra lógica: a do dom gratuito, que recebemos e comunicamos. Se a terra nos é dada, não podemos pensar apenas a partir de um critério utilitarista de eficiência e produtividade para lucro individual. Não estamos falando de uma atitude opcional, mas de uma questão essencial de justiça, pois a terra que recebemos pertence também àqueles que não têm voz.”

Uma ecologia integral deve ser capaz de buscar soluções para um conjunto muito diverso de desafios, entre eles:

- Preservar o patrimônio cultural, artístico e histórico, resguardando as riquezas culturais da humanidade em seu sentido mais amplo;
- Assegurar a qualidade de todos os ambientes, pois o ambiente onde vivemos influi sobre a nossa maneira de ver a vida, sentir e agir; considerando as áreas rurais e urbanas;
- Revalorizar os espaços comuns nas cidades, que reúnem pessoas;
- Garantir a todos habitação digna e promover ambientes sociais solidários;
- Garantir qualidade nos meios de transporte público.

ALGUMAS LINHAS DE ORIENTAÇÃO E AÇÃO

Alguns grandes percursos que nos ajudem a sair da espiral de autodestruição onde a humanidade está afundando, são apresentadas pelo Papa Francisco. Os detalhes e a completa relação de propostas, podem ser encontrados na obra original.

“Desde meados do século passado e superando muitas dificuldades, foi-se consolidando a tendência de conceber o planeta como pátria e a humanidade como povo que habita uma casa comum.” O desafio é “procurar que as soluções sejam propostas a partir de uma perspectiva global e não apenas para defesa dos interesses de alguns países.”

“O movimento ecológico mundial já percorreu um longo caminho, enriquecido pelo esforço de muitas organizações da sociedade civil. Não seria possível mencioná-las todas aqui, nem repassar a história das suas contribuições. Mas, graças a tanta dedicação, as questões ambientais têm estado cada vez mais presentes na agenda pública e tornaram-se um convite permanente a pensar a longo prazo.” (Infelizmente) “A política e a indústria reagem com lentidão, longe de estar à altura dos desafios mundiais.” Mesmo assim, “espera-se que a humanidade dos inícios do século XXI possa ser lembrada por ter assumido com generosidade as suas graves responsabilidades”.

As Cúpulas, Conferências e Convenções Internacionais ocorridas nas últimas décadas, têm resultados, por vezes mais efetivos, por vezes quase nada efetivos. A principal razão disso é que

“...o século XXI, mantendo um sistema de governança próprio de épocas passadas, assiste a uma perda de poder dos Estados nacionais, sobretudo porque a dimensão econômico-financeira, de carácter transnacional, tende a prevalecer sobre a política. Neste contexto, torna-se indispensável a maturação de instituições internacionais mais fortes e eficazmente organizadas, com autoridades designadas de maneira imparcial por meio de acordos entre os governos nacionais e dotadas de poder de sancionar.”

No plano interno às nações, os poderes públicos têm um papel fundamental a desempenhar. Diante da utilização irresponsável que o ser humano tem feito de suas próprias capacidades,

“...são funções inadiáveis de cada Estado planejar, coordenar, vigiar e sancionar dentro de seu território. Como pode a sociedade organizar e salvaguardar o seu futuro em um contexto de constantes inovações tecnológicas? (...) Os limites que uma sociedade sã, madura e soberana deve impor têm a ver com previsão e precaução, regulamentações adequadas, vigilância sobre a aplicação das normas, combate à corrupção, ações de controle operacional sobre o aparecimento de efeitos não desejados dos processos de produção, e oportuna intervenção perante riscos incertos ou potenciais”.

“A estrutura política e institucional existe (também) para incentivar as boas práticas, estimular a criatividade que busca novos caminhos, facilitar as iniciativas pessoais e coletivas.”

“A grandeza política mostra-se quando, em momentos difíceis, se trabalha com base em grandes princípios e pensando no bem comum a longo prazo.” Como o poder político tem muita dificuldade em assumir este dever em um projeto de nação”, a sociedade deve pressionar a decisão política.

Ainda em relação às políticas públicas, o Papa Francisco lembra que

“...indispensável é a continuidade, porque não se podem modificar as políticas relativas às alterações climáticas e à proteção ambiental todas as vezes que muda um governo. Os resultados requerem muito tempo e comportam custos imediatos com efeitos que não poderão ser exibidos no período de vida de um governo.”

“A política não deve submeter-se à economia, e esta não deve submeter-se aos ditames e ao paradigma eficientista da tecnocracia. Pensando no bem comum, hoje precisamos imperiosamente que a política e a economia, em diálogo, se coloquem decididamente ao serviço da vida, especialmente da vida humana.”

“Neste contexto, sempre se deve recordar que a proteção ambiental não pode ser assegurada somente com base no cálculo financeiro de custos e benefícios. O ambiente é um dos bens que os mecanismos de mercado não estão aptos a defender ou a promover adequadamente.

“Será realista esperar que quem está obcecado com a maximização dos lucros se detenha a considerar os efeitos ambientais que deixará às próximas gerações? Dentro do esquema do ganho não há lugar para pensar nos ritmos da natureza, nos seus tempos de degradação e regeneração, e na complexidade dos ecossistemas que podem ser gravemente alterados pela intervenção humana”

EDUCAÇÃO E ESPIRITUALIDADE ECOLÓGICAS

A mudança de comportamento da humanidade, a revolução cultural proposta pelo Papa Francisco, envolve a consciência das raízes profundas dos nossos erros e, ao mesmo tempo, a orientação de um sentido para a vida.

Sem a consciência de uma origem comum, tampouco há o sentimento de pertencimento, e muito menos a percepção de um futuro partilhado. É preciso escapar da compulsão pelo consumo, e da ilusão de que consumir é o exercício da liberdade. A situação e a compreensão confusa sobre o mundo geral um sentimento de precariedade e insegurança, e isso favorece as formas de egoísmo. As pessoas, isoladas em si mesmas, aumentam sua voracidade, mais difícil é aceitar que há limites na realidade, e não se enxerga um bem comum. As normas sociais ficam sujeitas à vontade e à necessidade de cada um.

“Por isso, não pensemos só na possibilidade de terríveis fenômenos climáticos ou de grandes desastres naturais, mas também nas catástrofes resultantes de crises sociais, porque a obsessão por um estilo de vida consumista, sobretudo quando poucos têm possibilidades de o manter, só poderá provocar violência e destruição recíproca.”

Contudo, os seres humanos, “capazes de tocar o fundo da degradação”, também são capazes de “voltar a escolher o bem e regenerar-se”. São capazes de olhar para si próprios com honestidade, reconhecer os próprios erros, negligências e vícios, e mudar a partir de dentro.

Sempre é possível desenvolver a capacidade de sair de si mesmo rumo ao outro, reconhecer e valorizar a vida em todas as suas formas, reconhecer a conexão que existe entre todas as coisas. Esta é a raiz que “faz brotar a reação moral de ter em conta o impacto que possa provocar cada ação e decisão pessoal fora de si mesmo”. Isso nos levará a uma atitude mais responsável em relação aos outros e em relação à natureza. “Quando somos capazes de superar o individualismo, pode-se realmente desenvolver um estilo de vida alternativo e torna-se possível uma mudança relevante na sociedade.”

Contudo, “não basta que cada um seja melhor. (...) Aos problemas sociais responde-se, não com a mera soma de bens individuais, mas com redes comunitárias”. Uma mudança nos estilos de vida, a união de forças e a confluência de contribuições, poderiam “chegar a exercer uma pressão salutar sobre aqueles que detêm o poder político, econômico e social.”

Esta transformação será o rompimento com os grilhões do trabalho sem sentido, do consumo sem sentido, da desconexão com o mundo. O ser humano poderá parar para apreciar o que é belo, simples e humano, cumprindo, ao mesmo tempo, com a grande responsabilidade que é cuidar da nossa casa comum.

A FORÇA DOS TRABALHADORES E MOVIMENTOS SOCIAIS

Nas palavras proferidas pelo Papa Francisco no encontro dos movimentos sociais que ocorreu na Bolívia em 2015, encontramos outras importantes orientações rumo à mudança necessária. Ao discorrer sobre a ditadura sutil da ambição desenfreada do dinheiro, provoca o público:

“Que posso fazer eu, recolhedor de papelão, catador de lixo, limpador, reciclador, frente a tantos problemas, se mal ganho para comer? Que posso fazer eu, artesão, vendedor ambulante, carregador, trabalhador irregular, se não tenho sequer direitos laborais? Que posso fazer eu, camponesa, indígena, pescador que dificilmente consigo resistir à propagação das grandes corporações? Que posso fazer eu, a partir da minha comunidade, do meu barraco, da minha povoação, da minha favela, quando sou diariamente discriminado e marginalizado? Que pode fazer aquele estudante, aquele jovem, aquele militante, aquele missionário que atravessa as favelas e os paradeiros com o coração cheio de sonhos, mas quase sem nenhuma solução para os meus problemas?

“Muito! Podem fazer muito. Vós, os mais humildes, os explorados, os pobres e excluídos, podeis e fazeis muito. Atrevo-me a dizer que o futuro da humanidade está, em grande medida, nas vossas mãos, na vossa capacidade de vos organizar e promover alternativas criativas na busca diária dos “3 T” (trabalho, teto,

terra), e também na vossa participação como protagonistas nos grandes processos de mudança nacionais, regionais e mundiais.”

“Sabemos, amargamente, que uma mudança de estruturas, que não seja acompanhada por uma conversão sincera das atitudes e do coração, acaba a longo ou curto prazo por burocratizar-se, corromper-se e sucumbir. Por isso gosto tanto da imagem do processo, onde a paixão por semear, por regar serenamente o que outros verão florescer, substitui a ansiedade de ocupar todos os espaços de poder disponíveis e de ver resultados imediatos. Cada um de nós é apenas uma parte de um todo complexo e diversificado interagindo no tempo: povos que lutam por uma afirmação, por um destino, por viver com dignidade, por viver bem.”

“O futuro da humanidade não está unicamente nas mãos dos grandes dirigentes, das grandes potências e das elites. Está fundamentalmente nas mãos dos povos; na sua capacidade de se organizarem e também nas suas mãos que regem, com humildade e convicção, este processo de mudança. Estou convosco. Digamos juntos do fundo do coração: nenhuma família sem teto, nenhum camponês sem terra, nenhum trabalhador sem direitos, nenhum povo sem soberania, nenhuma pessoa sem dignidade, nenhuma criança sem infância, nenhum jovem sem possibilidades, nenhum idoso sem uma veneranda velhice. Continuai com a vossa luta e, por favor, cuidai bem da Mãe Terra.”

Trechos do discurso proferido em Santa Cruz, Bolívia, em 10 de julho de 2015, pelo Papa Francisco.





Brasília

Câmara dos Deputados
anexo III gab. 267 Pça. dos Três Poderes
CEP 70160-900 Brasília - DF
Fone: 61 3215-3267 / 3215-5267


São Paulo

Rua Rego Freitas, 454
9º andar - conj. 93 - Vila Buarque
CEP: 01220-010 São Paulo - SP
Fone: 11 3129-7492

 facebook.com/niltotattosp

 twitter.com/niltotatto

@ dep.niltotatto@camara.leg.br

 www.niltotatto.com.br